

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 9, número 2 (2018)  
ISSN: 2177-2886

Artigo  
Les-Online

## 'Faço de Conta que Eu Não Existo e Você Faz de Conta que Não Me Vê': Geografias Lésbicas na Ditadura Militar em Florianópolis – SC, Brasil

*"Hago de Cuenta que No Existo y Haces de Cuenta que No Me Ves": Geografías Lésbicas en la Dictadura Militar en Florianópolis – SC, Brasil*

*'I Pretend that I do Not Exist and You Pretend that You do Not See Me': Lesbian Geographies in Military Dictatorship in Florianópolis – SC, Brazil*

**Maria Helena Lenzi**

Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil  
prenom.marie@gmail.com

**Joseli Maria Silva**

Universidade Estadual de Ponta Grossa –  
Brasil  
joseli.genero@gmail.com

Como citar este artigo:

LENZI, Maria Helena; SILVA, Joseli Maria. 'Faço de Conta que Eu Não Existo e Você Faz de Conta que Não Me Vê': Geografias Lésbicas na Ditadura Militar em Florianópolis – SC, Brasil. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 114-152, 2018. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

# 'Faço de Conta que Eu Não Existo e Você Faz de Conta que Não Me Vê': Geografias Lésbicas na Ditadura Militar em Florianópolis – SC, Brasil

*"Hago de Cuenta que No Existo y Haces de Cuenta que No Me Ves":  
Geografías Lésbicas en la Dictadura Militar en Florianópolis – SC, Brasil*

*'I Pretend that I do Not Exist and You Pretend that You do Not See Me':  
Lesbian Geographies in Military Dictatorship in Florianópolis – SC, Brazil*

## Resumo

O objetivo deste artigo é compreender como os espaços de sociabilidade eram constituídos por mulheres lésbicas durante a ditadura militar em Florianópolis – SC. As mulheres lésbicas constituíam o conjunto de pessoas LGBT que, na época do regime militar, foi considerado subversivo. A vivência feminina das sexualidades dissidentes da heteronormatividade foi investigada nesta pesquisa por meio de entrevistas em profundidade com quatro mulheres que vivenciaram a ditadura durante sua juventude. A sistematização do discurso foi realizada por meio de análise de conteúdo, como proposto por Bardin, 1977 e Silva e Silva, 2016. A estrutura semântica do discurso das mulheres que colaboraram com a pesquisa traz identidades em fluxos temporais e espaciais, bem como a simultaneidade da visibilidade/invisibilidade espacial como forma de viver em tempos de ditadura.

Palavras-Chave: Espaço; Ditadura Militar; Lésbicas; LGBT.

## Resumen

El objetivo de este artículo es comprender como los espacios de sociabilidad eran constituidos por mujeres lésbicas durante la dictadura militar en Florianópolis – SC. Las mujeres lésbicas constituían el conjunto de personas LGBT que, en la época del régimen militar, fueron considerados subversivos. La vivencia femenina de las sexualidades disidentes de la heteronormatividad fue investigada en esta pesquisa por medio de entrevistas en profundidad con cuatro mujeres que vivieron la dictadura durante su juventud. La sistematización del discurso fue realizada por medio de análisis de contenido, como propone Bardin (1977) y Silva (2016). La estructura semántica del discurso de las mujeres que colaboraron con la investigación trae identidades en flujos temporales y espaciales, bien como la simultaneidad de visibilidad/invisibilidad espacial como forma de vivir en tiempos de dictadura.

Palabras-Clave: Espacio; Dictadura Militar; Lésbicas; LGBT.

## Abstract

The article's goal is to understand how lesbian women's spaces of sociability were constituted during the military dictatorship in Florianópolis – SC, Brazil. These lesbians were part of LGBT group considered subversive at the time of the military regime. The female experience of the dissident sexualities of heteronormativity was investigated in this research through in-depth interviews with four women who experienced the dictatorship during their youth. The discourse systematization was performed through content analysis as proposed by Bardin, 1977 and Silva e Silva, 2016). The discourse semantic structure of the women who collaborated with the research brings identities into temporal and spatial movements, as well as the simultaneity of spatial visibility / invisibility as a way of living in times of dictatorship.

Keywords: Space; Military Dictatorship; Lesbians; LGBT.

Maria Helena Lenzi, Joseli Maria Silva



## **Introdução**

O objetivo deste artigo é compreender como os espaços de sociabilidade foram constituídos por mulheres lésbicas durante a ditadura militar em Florianópolis – SC. Embora já tenha se passado mais de trinta anos do término da ditadura militar, que durou entre 1964 e 1985, este período se tornou alvo de maior acesso social e científico após a criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV)<sup>1</sup> em 2012, cujas ações envolveram a abertura de vários arquivos de ações militares de repressão, antes mantidos sob sigilo.

O controle espacial foi uma importante estratégia para o exercício do estado de exceção, constituindo-se em um aspecto a ser investigado pela ciência geográfica. A geograficidade do exercício do poder por meio da criação dos 'centros clandestinos de violação de direitos' é apenas um exemplo da estrutura material adaptada para procedimentos considerados necessários a fim de efetivar a política de extermínio daqueles que eram contrários ao regime militar<sup>2</sup> (CNV, 2014).

Dentre os grupos considerados uma ameaça subversiva ao regime autoritário no Brasil estavam aqueles que vivenciavam sexualidades dissidentes da heterossexualidade, como apontam os historiadores James Green (2014) e Carlos Fico (2014). Segundo eles, a homossexualidade representava um atentado à moral e aos bons costumes, à religião e à família tradicional brasileira. Sendo assim, a homossexualidade foi atrelada, de forma equivocada, ao desvio moral e supostamente imbricada ao “temido comunismo” contra o qual o regime militar lutava<sup>3</sup> (FICO, 2015).

As mulheres lésbicas que viveram durante a ditadura militar experienciaram suas sexualidades com base em espacialidades específicas que são aqui exploradas por meio da análise de quatro entrevistas em profundidade, realizadas entre 31 de maio e 18 de dezembro de 2017. Suas narrativas, constituídas por meio de memórias, evidenciam as estratégias e a formação de espaços de sociabilidade que possibilitaram a existência de sexualidades dissidentes em Florianópolis – SC, em pleno regime militar. As mulheres entrevistadas são majoritariamente cis, brancas, possuem alta escolaridade e são, em sua maioria, atuantes em instituições políticas ou sociais desde o período de juventude até os dias atuais, como pode ser visto no quadro que segue<sup>4</sup>:

---

1 A CNV foi criada pela Lei 12528/2011 e instituída em 16 de maio de 2012. É um órgão provisório e investiga violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988. Em 10 de dezembro de 2014, com a entrega de seu Relatório Final, terminou o trabalho da comissão. Cópia do portal da CNV é mantida pelo Centro de Referência Memórias Reveladas, do Arquivo Nacional (ver: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>).

2 Procedimentos proibidos até mesmo pelas próprias leis de exceção que imperavam no país.

3 Fico (2014) alerta para o equívoco dessa associação, já que nenhum regime socialista ou comunista do mundo apoiou ou deixou de discriminar a homossexualidade.

4 Todos os nomes são fictícios para preservar a identidade das pessoas entrevistadas. Tais nomes são de mulheres que participaram de movimentos de resistência contra várias formas de opressão.

**'Faço de Conta que Eu Não Existo e Você Faz de Conta que Não Me Vê':**

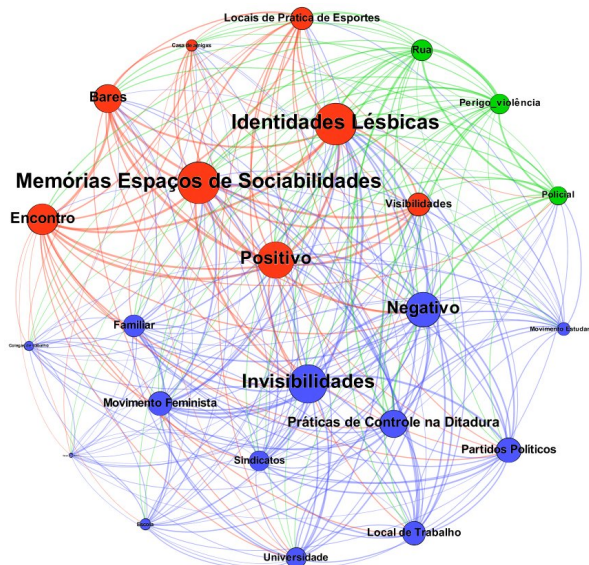
**Geografias Lésbicas na Ditadura Militar em Florianópolis – SC, Brasil**

Quadro 1 - Caracterização das Mulheres Entrevistadas

Nome Fictício	Sexo	Declaração orientação sexual atual	Idade	Cor	Situação conjugal atual	Escolaridade	Atuação Política na juventude	Atuação Política atual
Celia Sanchez	mulher cis	lésbica	64 anos	Branca	casada	Terceiro Grau completo	Sindicato / Partido Político	Partido Político
Kathleen Neal Cleaver	mulher cis	lésbica	67 anos	Branca	solteira	Terceiro Grau completo	Movimento Feminista / Movimento Estudantil / Partido Político	Movimento feminista/ Movimento LGBT/ Partido Político
Blanca Canales	mulher cis	lésbica	52 anos	Branca	separada	Terceiro Grau completo	Partido Político	Movimento feminista/ Movimento LGBT/ Movimento de lésbicas/ Partido Político
Petra Herrera	mulher cis	lésbica	53 anos	Branca	casada	Terceiro Grau completo	Nada específico	Nada específico

As narrativas foram analisadas por meio de análise de conteúdo proposta por Bardin (1978) e Silva e Silva (2016). Tal metodologia de sistematização do discurso permitiu revelar as categorias discursivas e suas relações de maior frequência, formando comunidades semânticas que constituem os sentidos das narrativas do grupo. Foram identificadas três comunidades semânticas que estruturam o discurso das mulheres entrevistadas, como pode ser visto nas diferentes tonalidades e tamanhos dos pontos que representam as categorias discursivas e as linhas em variadas espessuras que formam a rede semântica geral, a seguir.

Figura 1: Rede semântica geral sobre espaços de sociabilidades lésbicas durante a ditadura militar em Florianópolis- SC.



Maria Helena Lenzi, Joseli Maria Silva



As comunidades semânticas que estruturam a rede discursiva são examinadas em duas seções do artigo. Na primeira seção exploramos a relação entre espaço, interseccionalidades e escalas como forma de compreensão das geografias lésbicas. Na segunda parte são evidenciados os jogos identitários que de forma simultânea criam a visibilidade/invisibilidade espacial como forma do existir lésbico na ditadura militar.

### **Espaço, Interseccionalidades e Identidades Lésbicas em Movimento**

A geografia brasileira não tem desenvolvido grande interesse por compreender as relações entre espaço e sexualidades, conforme argumentam Silva e Vieira (2014). Apesar de escassa, nos anos 2000 há um certo incremento desta abordagem, embora os estudos realizados estejam mais concentrados nas espacialidades de homens gays e de travestis, sendo a realidade espacial de mulheres lésbicas ainda negligenciada no contexto da geografia brasileira.

A escassez de pesquisas sobre as geografias lésbicas é uma característica comum em vários outros contextos epistemológicos, mesmo em países em que as geografias das sexualidades já se desenvolveram, como é o caso dos países anglófonos. Browne e Ferreira (2015) denunciam que as geografias feministas enfatizaram as mulheres heterossexuais e as geografias das sexualidades foram direcionadas de forma predominante pela abordagem da homossexualidade masculina. Segundo elas, as geografias lésbicas reivindicam abordagens específicas que enfrentem de forma simultânea a heterossexualidade e a dominação masculina. As sexualidades lésbicas estão fortemente mediadas pelas assimetrias de poder de gênero, o que significa afirmar que a opressão pela heteronormatividade não afeta da mesma maneira gays e lésbicas.

Pensar o espaço geográfico desde a perspectiva de grupos sociais cujas identidades sexuais são alvo de discriminação implica ultrapassar a ideia de um espaço fixo, material ou passível de ser compreendido por uma perspectiva sincrônica em que partes e todo apresentam uma coerência. Pelo contrário, a existência homossexual em uma sociedade homofóbica implica reconhecer um espaço que é simultaneamente um elemento de negação e possibilidade de existência de sexualidades não heteronormativas. A existência das dissidências sexuais à norma heterossexual se dá por fissuras, brechas que são construídas por estratégias e ações de resistência.

Ferreira (2014) argumenta que as vivências espaciais lésbicas não são identificadas de forma material e visível, mas de forma relacional e complexa. Podmore (2001) pontua que a visibilidade ou invisibilidade da espacialidade lésbica depende dos modelos conceituais a serem utilizados nas pesquisas geográficas. Para ela, a busca de uma existência espacial lésbica apenas pela marca material nas paisagens é uma armadilha que contribui para a reprodução da invisibilidade do grupo. O fato do espaço não ter uma materialidade lésbica explícita como bares, boates, áreas residenciais e comerciais específicas, como já evidenciado nos estudos sobre a produção de espaços gays, não significa que as lésbicas não tenham vivência espacial, mas apenas que tal vivência tem outros elementos a serem contemplados pela análise geográfica. Ela argumenta que:

Tendo pouco impacto na paisagem material do espaço público da cidade, 'outros' raramente são capazes de detectar a 'presença' lésbica. Todas essas observações indicam que, para examinar mais espaços que são importantes no dia a dia das lésbicas, precisamos de uma outra 'forma de olhar' (PODMORE, 2001, p. 334)<sup>5</sup>.

Assim, as concepções de espaço estão imbricadas com a visibilidade ou invisibilidade lésbica. Não há como separar o espaço das constituições identitárias, havendo uma interdependência entre ambos. Massey (2008) compreende o espaço de forma relacional, superando a ideia do espaço enquanto um produto acabado, reflexo de determinado padrão de relações sociais, mas um espaço que é, em si mesmo, relação, em permanente construção, mediado pela política. Espaço e identidades sexuais estão em permanente negociação, em processo contínuo de tensionamentos e embora o espaço seja hegemonicamente heteronormativo e constitua os mecanismos de desigualdades de forças e opressão, há também a constituição de espacialidades não normativas que tensionam o poder instituído. Na perspectiva do espaço relacional, o espaço nunca é algo acabado, mas algo que se faz permanentemente das relações que se estabelecem, envolvendo negociações constantes.

Valentine (1993) argumenta que os espaços públicos heteronormativos constituem formas espalhadas e imprecisas de discriminação por orientação sexual, exercendo fortes pressões sociais que confinam as sexualidades lésbicas e gays em espaços privados. Contudo, mesmo sob forte pressão para constituir a pretensa inexistência da homossexualidade, o espaço heteronormativo é contestado pela existência dos dissidentes da norma hegemônica cujas pessoas não estão passivas ao poder instituído.

O espaço público se faz da produção sistemática do poder heteronormativo e as mulheres lésbicas estão em permanente vigilância de suas expressões corporais e de afeto que podem permitir o reconhecimento de sua orientação sexual, assim como alerta Ferreira (2014). Esse comportamento de vigilância e regulação reforça o poder heteronormativo do espaço e, ao mesmo tempo, evidencia que o espaço é vivenciado de formas diversas por variadas identidades sexuais. A autora argumenta que as demonstrações de afeto por casais do mesmo sexo em espaços públicos são mediadas por suas decisões particulares pautadas pelas percepções sobre a hostilidade ou aceitabilidade espacial às sexualidades não heterossexuais. Mesmo quando se trata de espaços amigáveis às manifestações de afeto entre pessoas do mesmo sexo, Ferreira (2014) afirma que homens gays se sentem mais à vontade do que as mulheres lésbicas ou bissexuais.

Assim, ainda que os espaços sejam amigáveis aos homossexuais, há questões específicas das sexualidades das mulheres que devem ser analisadas pelas geografias das sexualidades, conforme Browne (2007). As relações de

---

5 Having little impact on the material public landscape of the city, 'others' are rarely able to detect a lesbian 'presence'. All of these observations indicate that in order to examine further the urban spaces that are important in the daily lives of lesbians, we need another 'way of looking'.

poder, segundo ela, não podem apenas analisar a simples oposição entre hétero e homossexualidades, mas envolver as forças marcadas pelo gênero e o patriarcado que implicam padrões espaciais diferenciais de acesso, mobilidade e visibilidade de identidades sexuais entre homens e mulheres (cis e trans).

Apesar das recentes conquistas de direitos civis pela população LGBTTIQI em vários países, notadamente no norte global, os desejos e as subjetividades lésbicas permanecem marginalizadas. Hardie e Johnston (2015) analisam as formas como as lésbicas criam espaços próprios por meio da vivência de várias emoções que são compartilhadas pelo grupo, trazendo a música como um importante elemento para a produção do que as autoras chamam de 'espaços imaginados'. Para estas autoras, os espaços criados pelas lésbicas pela partilha da emoção da música são fundamentais para o processo de identificação de sua orientação sexual e desenvolvimento de afetos e sentimentos de pertencimento, já que muitas lésbicas não se sentem pertencentes a vários espaços físicos como a casa da família, vizinhança, local de trabalho e assim por diante.

Os espaços criados por grupos dissidentes da heteronormatividade se estabelecem a partir de performances corporais, linguagens, olhares, vestuários próprios que são reconhecidos pelos seus pares, afirmando processos específicos de socialização que tensionam a ordem heterossexual por meio da sua subversão, como argumenta Valentine (1996). Entretanto, conforme esta autora, a produção deste espaço geográfico relacional não é percebida por heterossexuais, já que as diferenças da existência de minorias tendem a ser ignoradas ou não compreendidas por aqueles que estão em posição de privilégio social.

As relações complexas entre lésbicas, outras facetas identitárias e espaço foram alvos de investigações de Rodó-de-Zárate (2015, 2016) que evidenciou os fluxos das experiências espaciais de jovens mulheres lésbicas e a cidade, trazendo para sua análise a interseccionalidade. A interseccionalidade é um conceito que compreende o cruzamento de múltiplos eixos de opressão (COLLINS, 2000; MCCALL, 2005). Rodó-de-Zárate (2015, 2016) traz a sexualidade lésbica relacionada ao gênero, raça, idade e classe para evidenciar que diferentes cruzamentos identitários constituem relações espaciais específicas.

O fato de ser lésbica estar interceptado por vários outros eixos de poder como raça, classe, idade, gênero e assim por diante, faz com que seja impossível imaginar que haja uma identidade essencializada ou universal lésbica, havendo ainda a mediação do tempo e do espaço na constituição identitária.

Browne e Ferreira (2015) realizam uma interessante reflexão em torno do que é ser uma mulher lésbica e refutam qualquer possibilidade de haver uma identidade capaz de abarcar todas as experiências de pessoas que possam se autoidentificar como lésbicas, já que as relações de poder que marcam a existência humana estão em constante tensionamento. Argumentam elas que, assim como Butler (1990) entende não haver uma essência de ser mulher e que o gênero é performativo e não algo dado, ser lésbica também implica pensar fora de uma perspectiva essencial e dada. Com este fio condutor de argumentação, Browne e Ferreira (2015) afirmam que o rótulo 'lésbica' deve ser compreendido como fluido, construído de maneira espacial e temporal e

que não há possibilidade de reunir todas as experiências lésbicas em uma só comunidade homogênea e coerente. Contudo, mesmo sem a possibilidade de haver uma categoria única e universal do ser lésbica, Browne e Ferreira (2015) consideram que esta é uma importante categoria política, reconstituída constantemente nas interações entre espaço e identidades. Assim, constituir-se lésbica é um processo de subjetivação que se faz de forma constante e relacional, em intensos processos de negociações espaciais.

Os processos de negociações de subjetividades são realizados de forma concreta em várias escalas espaciais como em casa, na vizinhança, no bairro, na cidade, no corpo e assim por diante. O corpo das mulheres lésbicas são espaços de realização de desejos, emoções e também expressam sinais que possibilitam reconhecimento de identificação entre pessoas que compartilham semelhantes processos de subjetivação.

Johnston e Longhurst (2010) argumentam que o corpo é um importante espaço de constituição identitária lésbica, mediado pelas relações políticas sobre ele em variadas escalas. Johnston e Valentine (1995) relatam os constrangimentos dos corpos lésbicos na casa dos pais, quando as mulheres ainda não “saíram do armário”, evidenciando que a casa dos pais, como um espaço heteronormativo, oprime os corpos lésbicos de expressar formas específicas de se vestir, falar ou performar gestos e expressões de afeto e desejo. Assim, o corpo pode ser considerado com um espaço geográfico, uma escala específica de negociação com as demais escalas espaciais, em movimento constante de instituição de afirmação das sexualidades lésbicas e também de repressão e constrangimento, assim como também evidenciado por Brown (2000).

Neste artigo, entendemos que há formas específicas da instituição da relação entre identidades lésbicas e espaço nos tempos da ditadura militar em Florianópolis, uma cidade que apesar de ser a capital de um importante estado do sul do Brasil, até os anos 1990 era ainda uma cidade relativamente desconhecida no cenário nacional e de porte médio, contando com uma população de pouco mais de 250 mil habitantes, e que ainda na primeira década dos anos 2000 construía sua imagem, tanto para divulgação turística quanto internamente, de 'uma capital com ares de cidade pequena', como analisamos em outra oportunidade (LENZI, 2010), baseada na manutenção de um modo de vida tranquilo, tal qual cidades do 'interior', ao mesmo tempo em que tinha o intuito de atrair novos e modernos investimentos.

### **O Espaço Relacional e a Simultaneidade da Visibilidade/Invisibilidade Lésbica**

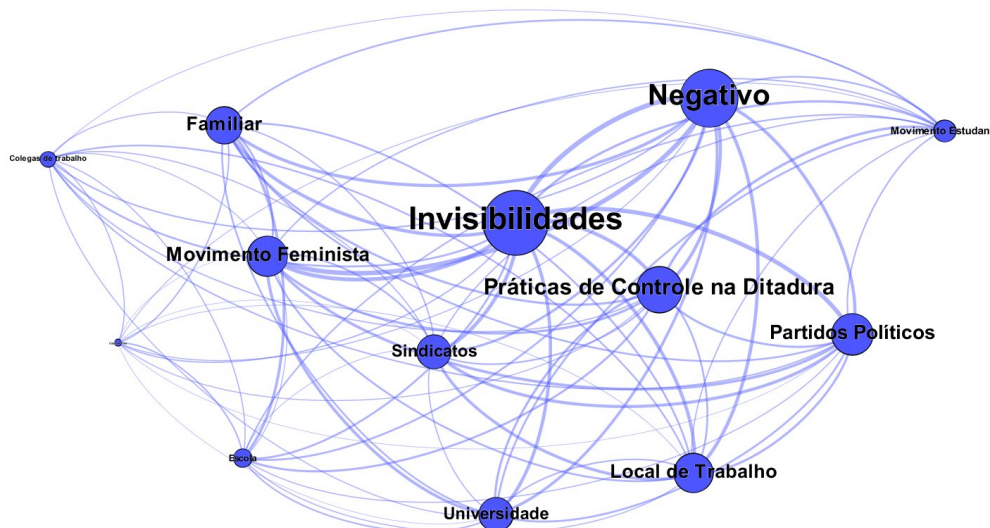
O espaço das narrativas lésbicas da ditadura militar é complexo e exige uma imaginação geográfica que relacione de forma simultânea a visibilidade e a invisibilidade como constitutivas uma da outra, de forma não coerente, como argumenta Massey (2008). A estrutura narrativa evidencia a interdependência entre as categorias discursivas, como pode ser visto na rede geral semântica evidenciada na figura 1.

Apesar de conectadas, as comunidades semânticas que constituem a rede geral apresentam variações de relações entre categorias discursivas. A maior



delas, a comunidade semântica 1, gira em torno das invisibilidades, uma tendência discursiva intensa nas narrativas espaciais lésbicas, como pode ser visto na figura 2.

Figura 2: Comunidade semântica 1.



A comunidade semântica que está estruturada pela centralidade das categorias 'invisibilidades', 'negativo' e 'práticas de controle na ditadura' traz a articulação de espacialidades que são representadas no discurso das mulheres entrevistadas em dois sentidos. Um deles, os espaços da família, escola, trabalho e colegas de trabalho<sup>6</sup> são representados discursivamente coerentes com a hegemonia heteronormativa e aparecem como linearmente opressores nas narrativas lésbicas no que diz respeito às sexualidades, relatando esforços para manter suas sexualidades não evidentes e o controle dos desejos e gestos, como também relatado por Johnston e Valentine (1995).

Os espaços familiares são narrados por uma cronologia. Na juventude, elas relatam experiências afetivo-sexuais com jovens do sexo masculino, sendo que algumas delas tornaram-se mães. As entrevistadas relatam que vários jovens que foram seus namorados se identificaram mais tarde como gays. Trazem em suas narrativas vários conflitos relacionados a determinadas formas de se comportar e vestir, bem como a repressão a determinadas amizades com outras meninas lésbicas cujos pais consideravam 'más companhias'. Na fase adulta, o espaço da casa dos pais permanece sendo uma espacialidade interdita às sexualidades dissidentes, embora com menos conflitos, já que a dependência econômica dos pais não existe mais, como também evidencia Rodó-de-Zárate (2015 e 2016). Entretanto, os relatos evidenciam que permanece um pacto de silêncio sobre as sexualidades lésbicas no âmbito familiar, embora agora já não seja mais alvo de conflitos explícitos. O relato de Kathleen é expressivo da tendência encontrada dessa trajetória.

*A primeira xingação que eu sofri por ser lésbica eu tinha 8 anos de idade e nem sabia o que era isso. A vizinha me chamou de machorra.*

6 A categoria 'colegas de trabalho' foi criada porque muitas vezes as pessoas que fazem parte do universo laboral se encontravam fora do local de trabalho como restaurantes e cafês.

*Na época, era assim que se chamava. Eu estava com os meninos roubando fruta, estava em cima do muro da casa dela. Ela me xingou desse negócio. Mas para xingar os meninos, ela dizia ladrãozinho. Eu cheguei em casa e perguntei para minha mãe o que era isso, porque eu não conhecia essa palavra. Minha mãe não me explicou, mandou eu calar boca: 'Menina, não fala isso! É uma palavra que você não deve dizer!' Passou e não me explicou o que era. E já na minha adolescência eu tinha amigas lésbicas e que algumas das pessoas da cidade sabiam. Elas eram meninas mais masculinizadas, eram as gurias da seleção catarinense de voleibol. Minha mãe não queria que eu andasse com elas. Eu perguntava: 'Mas mãe, por quê? A fulana é filha da tua amiga!' Ela dizia: 'não, elas são mal faladas'. Mas ela não me dizia 'o que' era a razão da mal falação. [...] E mesmo depois de adulta. Minha mãe não queria ver, ela não queria fazer esse debate. Eu até tentava fazer uma conversa com ela, mas ela desconversava: 'ah, essa menina, olha as bobagens que essa menina diz'. Ela nunca me levou a sério. Eu nunca consegui fazer essa conversa profundamente com minha mãe. Meu pai eu perdi muito cedo. Então eu não teria tido condição desse enfrentamento com ele porque eu era muito guria. Mas com minha mãe, que eu já tinha quase 30 anos quando perdi minha mãe, eu já era uma mulher adulta. Mas ela não fazia essa conversa, não era permitido que eu fizesse essa conversa. (Entrevista com Kathleen Neal Cleaver)*

Os espaços de escola, universidade<sup>7</sup> e locais de trabalho também apresentam uma narrativa linear de relatos de opressão e estratégias de manutenção do segredo em torno das sexualidades. À medida que elas conquistavam respeito de pessoas por suas habilidades intelectuais ou profissionais, sentiam-se mais confortáveis nestes locais, embora eles permanecessem representados como espaços interditos às suas identidades sexuais e de demonstração de afeto, tal qual evidenciam também Valentine (1993) e Ferreira (2014).

Os relatos trazem a solidão, a falta de toda espécie de informações sobre as sexualidades lésbicas e o uso de práticas de invisibilidade para evitar a vinculação de si e de seus desejos às imagens negativas. Célia Sanchez relata que a imagem social criada em torno das 'entendidas'<sup>8</sup> era considerada infame, associada à ideia de desvio sexual, moral, doença e fracasso social:

*Geralmente eram figuras muito vulneráveis, semianalfabetas, muito malvistas [referindo-se ao estereótipo conhecido de mulheres lésbicas na época]. As palavras que se ouvia era de mulher-macho, não era nem sapatão. Uma série de mitos a respeito. [...] Uma vez, teve uma pornochanchada que era "Soninha toda pura". Eu não assisti, mas*

7 Importante alertar que na categoria discursiva 'universidade' foram consideradas as práticas dos professores, colegas de turma e conteúdo de disciplinas. A política estudantil foi considerada como outra categoria, porque fazia parte de uma instância política que não era vivenciada todos os dias pelo grupo de mulheres entrevistadas.

8 Uma gíria utilizada pelo grupo desta geração para designar as mulheres lésbicas.

*minhas irmãs falavam que tinha uma personagem que era lésbica e conseguiu convencer a Soninha, que era toda pura, a ter alguma coisa com ela. [...] Estava associada à doença. E não era porque eu não me achasse doente, mas não queria encasquetar que era doente porque pensei “não vou piorar as coisas pro meu lado”. (Entrevista com Célia Sanchez)*

A lesbianidade vivenciada pelas mulheres no período da ditadura, além de ser representada por significações negativas e intoleráveis para a época, fazia também parte do 'indizível', constituindo os segredos que dificultavam de forma contundente o empoderamento dessas mulheres no âmbito de conquistas de direitos sexuais. O pavor da associação de si mesmas às representações do mal e do inimigo a ser combatido pela ditadura militar alimentava o poder instituidor da interiorização da negação de sua existência e desejos (FOUCAULT, 2003).

Os escassos meios de comunicação, associados à censura de notícias e de toda a espécie de produção artística (cinema, TV, livros), contribuía para o aumento da vulnerabilidade dessas mulheres à interiorização de estigmas e à naturalização da violência simbólica que sofriam. O acesso a informações sobre a lesbianidade era raro, conforme o relato que evidencia a tendência discursiva verificada na análise semântica:

*Eu, por exemplo, lia Cassandra Rios<sup>9</sup> porque era a única coisa disponível na minha adolescência. Não tinha praticamente outra literatura disponível. Ela foi muito censurada, mas era pela coisa pornográfica. Ela era tida como pornográfica. E os livros dela não eram referência para ninguém. Ou as mulheres ficavam doidas, ou eram assassinadas, ou elas próprias se matavam [referindo-se às personagens lésbicas retratadas nas obras]. Era só desgraça. Quem é que ia querer usar aquilo como referência para si. O que a gente pensava é que ser lésbica é ser isso. Então, eu não quero ser lésbica. Lógico, porque era só desgraça na vida da pessoa. [...] Ai se mamãe me pegasse com um livro daqueles na mão! Hoje você não só tem referências positivas, como tem filósofas que debatem o tema com grande profundidade e com muitos elementos. As meninas jovens, hoje, têm um monte de mulheres bacanas pra se espelhar. Mas a gente não tinha isso naquele tempo. Então, acho que era ruim pra todo mundo. Claro que o fato de nós estarmos num período ditatorial, sem liberdades democráticas, acaba dificultando as liberdades pessoais também. (Entrevista com Kathleen Neal Cleaver)*

A constituição de uma representação social negativa alimentava a produção de estratégias de invisibilidade e, ao mesmo tempo, a busca por espaços que pudessem constituir sentido para construção identitária. Os sindicatos, partidos de esquerda, movimento estudantil e o movimento feminista são

9 Cassandra Rios foi uma escritora brasileira cujas obras enfocavam histórias de mulheres lésbicas. Dos seus cinquenta títulos publicados, trinta e seis foram censurados durante a ditadura. A autora chegou a ser condenada, mas não foi presa. Ela era acusada de ser subversiva (FERNANDES, 2014).

espacialidades vivenciadas de forma paradoxal pelas mulheres entrevistadas (VALENTINE, 1996). Se, por um lado, aparecem na estrutura narrativa como espaços de negação das identidades sexuais dissidentes da heteronormatividade, também se constituem em espaços de encontro entre as mulheres lésbicas, como pode ser visto no relato que segue:

*É incrível, mas em reunião de greve, de sindicato, também rola muito esse conhecimento, essa identificação, essa procura, essa cumplicidade. É impressionante. Então, a maior parte das figuras [referindo-se às mulheres lésbicas] que eu identifiquei, foi dentro de sindicato [...]. Acho até que a militância política movimentou, foi uma coisa legal, algo que mexia. Por alguma razão, criava uma identidade. Talvez, a militância política, sindical, te permite um contraponto na sociedade. Aquilo que tu não podes falar, da sua sexualidade, da relação afetiva, aquilo que tu não podes assumir publicamente na sociedade porque estarás só. Agora, o sindicato te permitia fazer uma série de críticas e reparos à sociedade e ninguém podia dizer nada. É a tua espetada na sociedade, a via sindical permitia isso. O sindicato não discute essas coisas [se referindo às sexualidades], não quer saber, mas ali é bem povoado de pessoas [se referindo às lésbicas]. (Entrevista com Celia Sanchez)*

Os sindicatos, bem como os partidos de esquerda, os movimentos estudantis e os movimentos feministas se constituíram de importantes fontes de contestação ao regime autoritário da época e de forma não intencional e explícita, acabavam alimentando as identidades sexuais dissidentes, mesmo que não tivessem assumido a luta pelos direitos sexuais cidadãos. Havia um sentimento de identificação que interseccionava a política de esquerda com as sexualidades dissidentes, na medida em que o Estado havia criado o 'inimigo comum' a ser combatido, 'os subversivos' e homossexuais foram identificados como subversivos à manutenção da moral e dos costumes da época (COLLINS, 2000; MCCALL, 2005; RODÓ-DE-ZÁRATE, 2015 e 2016).

Mesmo que na escala da sociedade houvesse a identificação interseccional entre a homossexualidade e o comunismo, na escala das espacialidades consideradas subversivas, não havia esta aliança, conforme os relatos das mulheres entrevistadas. Pelo contrário, estes espaços são paradoxais em suas narrativas e na medida em que se constituem espaços de encontro e reconhecimento entre si, ao mesmo tempo, as mulheres lésbicas vivenciavam a negação das identidades homossexuais, como pode ser visto no trecho da narrativa que se segue:

*A gente não se mostrava na rua naquela época, nem antes e nem depois. Demorou muito para que essa coisa da liberdade da expressão da orientação sexual acontecesse. Eu, por exemplo, que me construí dentro do movimento feminista, só vim a militar dentro do movimento de lésbicas depois de já participar do movimento feminista. Tinha essa dificuldade, inclusive, de me expressar através da orientação sexual, mesmo dentro do movimento feminista. Era*

*muito fechado em princípio. Eu lembro de eventos na metade dos anos 80, 84, 85, que a gente não era aceita dentro de encontros e eventos feministas. Não tinha espaço para expressão da lesbianidade. [...] Isso era luta burguesa [referindo-se aos direitos sexuais na perspectiva dos partidos de esquerda]. Não estava dentro do contexto da luta de esquerda, necessária à luta de classes. [...] Acho que a coisa mais pesada que rolava nessa época de ditadura, ou de pouca abertura, ou mesmo quando já se iniciou o processo de abertura democrática, era a questão de considerar a luta pela livre orientação sexual, uma luta menor. Então, as pessoas que eram de esquerda não se escancaravam com isso, porque isso destruía o pedaço delas na esquerda. [...] Não rolava essa discussão [referindo-se às lutas aos direitos sexuais] e se rolasse, você era escanteado. Não era expulso formalmente, mas perdia expressão. Conheço pessoas que acabaram saindo de partidos, que eram militantes orgânicos. Talvez nem saíram de partidos, mas deixaram a organicidade partidária por não se sentirem incluídos, muito pelo contrário, por se sentirem alijados do processo. Isso realmente existiu e eu conheço pessoas, não vou nominar, mas conheço pessoas que deixaram de militar em alguns partidos de esquerda na época, porque eram rapazes gays. Mulheres lésbicas acho que nem se mostravam. (Entrevista com Kathleen Neal Cleaver)*

O estigma social criado no período ditatorial desumanizava os considerados 'subversivos' e naturalizava a violência brutal, legitimando sua eliminação, tal qual a dinâmica de poder evidenciada em Arendt (1989). A criminalização dos que combatiam o regime militar justificou prisões arbitrárias, torturas e mortes dos 'inimigos sociais'. As 'práticas de controle na ditadura' como uma importante categoria da comunidade semântica expressa na figura 2 reúne a tendência discursiva de que a identidade política era o alvo do aparelho repressor do Estado durante a ditadura militar e que as sexualidades não eram visadas de forma explícita. Mas, de forma recorrente, as narrativas afirmam que as sexualidades dissidentes da heteronormatividade eram reprimidas por meio de ações difusas em todas as escalas e instâncias da sociedade da época, legitimando assim o discurso dominante, associado à necessidade de repressão das sexualidades e sua submissão ao controle moral da época:

*Eu até suponho que o machismo ou a invisibilidade das mulheres homossexuais nem se dá tanto pela ditadura, no período em que vivi. Era pela cultura mesmo, pela família, pela vizinhança, pela escola. Havia um conservadorismo e um provincianismo muito grande, então a ditadura não precisava fazer nada. Isso aí era pacificado naquele momento. A sociedade no entorno estava ali dizendo “não faz isso, não faz aquilo, isso não é coisa de menina”. Então não precisava ter uma ditadura pra isso, era por outro motivo [referindo-se às ideologias contrárias ao regime militar]. [...] Agora, o que a ditadura pode ter contribuído com isso. Foi que ela retardou muito certas discussões por aqui. Até mesmo na academia, não chegavam*

*livros, textos. (Entrevista com Celia Sanchez)*

Contudo, a interseccionalidade entre ser militante de esquerda e lésbica trazia componentes específicos nos rituais de violência policial de repressão por parte do Estado (GREEN; QUINALHA, 2014). Além disso, havia a total impossibilidade de denunciar práticas discriminatórias adotadas na ditadura, conforme o trecho do relato que segue:

*Ser abordada pela polícia na década de oitenta era ir pro paredão. Era ser apalpada, abre as pernas, cheira a mão, aquela coisa toda. E quando você estava próxima a boates, era pior. Porque era assim: “ah, sapatão pode passar a mão, é macho mesmo”. Entendeu? E no caso dos meninos [referindo-se aos gays cis] era pior ainda, porque enfiavam o dedo no cu, porque quer ser mulher, então vai ser tratado como. Não tinha meio termo. Se você era sapatão, te passavam a mão na boceta e pronto. Se era bicha, a mesma merda. [...] As repressões, antes, eram muito piores. Só que antes não havia como você provar que havia sofrido uma violação no meio de uma manifestação. Não havia internet. [...] Mas acontecia muito pior, porque sumia gente, as pessoas desapareciam. E outra coisa, na época, a única arma que o jornalista tinha era sua câmera e a primeira coisa que eles faziam era arrancar tua câmera e puxar o filme pra fora e acabou. Não tinha como provar. Agora não, eles podem pegar a câmera, jogar teu celular no chão e pisar e se você puxar o chip, tem ali a prova. (Entrevista com Blanca Canales)*

Mesmo que as sexualidades dissidentes tenham sido reconhecidas pela ditadura militar como algo identificado com as esquerdas, conforme afirmam Green e Quinalha (2014), não havia, por parte da militância feminista, sindicalista e de partidos políticos, qualquer iniciativa de trazer as pautas de direitos sexuais como bandeira de luta. Essa situação contribuía para um imenso silenciamento e o aprofundamento das estratégias de invisibilidade que eram utilizadas pelas mulheres lésbicas naquele período. Os sindicatos, partidos políticos, movimentos feministas e estudantis eram locais em que havia os encontros entre as mulheres lésbicas que se reconheciam por meio de gestos sutis de comunicação corporal, conforme verificado nos trabalhos de Valentine (1993) e Ferreira (2014). Contudo, jamais de forma explícita na reivindicação de seu lugar na luta das esquerdas que, várias vezes são apontadas como discriminatórias nos discursos das mulheres lésbicas daquele período.

Havia toda uma estrutura social repressora das sexualidades dissidentes que estava em todas as instâncias sociais, criando a ideia da necessidade de se extirpar o mal, dando aval ao Estado para agir pautado nas piores atrocidades e isso, segundo Green e Quinalha (2014), dificultou a organização política de contestação contra atitudes homofóbicas e a luta explícita por direitos à liberdade sexual.

As identidades lésbicas durante a ditadura militar se construíam em meio às representações do mal e da subversão e, conseqüentemente, do medo da

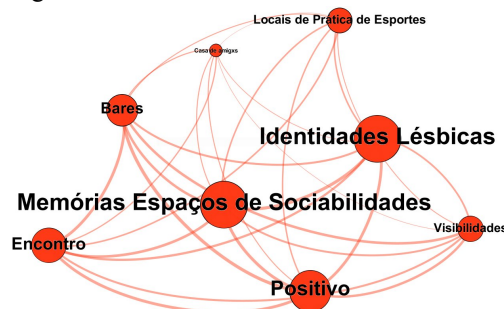
descoberta e da revelação social. Portanto, esconder a identidade sexual lésbica era uma forma importante de evitar sofrer atos de violência ainda mais graves, pois a negação e o silenciamento já eram, em si, uma forma de sofrer violência.

As narrativas de enfrentamento às opressões e a obtenção de conforto psicológico, sensação de apoio e proteção se davam na constituição de redes de sociabilidades entre mulheres lésbicas, como também retratado em Hardie e Johnston (2015). As relações estabelecidas possibilitavam a desconstrução da negatividade atribuída à identidade lésbica que foi interiorizada durante toda a existência e a encontrar modelos e referências positivas. As redes de sociabilidade criavam cumplicidades e, de alguma forma, proteção contra a violência social e psicológica que muitas vezes era insuportável de ser vivida, como o relato a seguir:

*Mas se a gente pensar, por exemplo, em uma mulher que foi muito importante pro movimento de lésbicas na época, que foi Rosely Roth, uma menina paulista, ela foi uma das primeiras mulheres que foi na televisão dizer: eu sou lésbica. E fazia movimentos dentro na cidade de São Paulo. Ela própria não aguentou a onda, ela se suicidou. Nem ela segurou aquele lugar que ela estava construindo pra ela e pra nós todas. Porque era muito difícil, pesado. [...] E ainda assim é bastante difícil, você vê estupros corretivos de lésbicas, autorizados por familiares. A gente tem notícias disso, com frequência, não é um negócio raro. E estou falando em situação-limite, a violência cotidiana, essa fobia lésbica a um grau máximo, que chega no feminicídio, que chega num estupro corretivo. Essas coisas são muito mais frequentes do que a gente sabe. A gente sabe dos maus-tratos, das violências cotidianas, mas essas violências em situação-limite são pouco denunciadas para o grande público. Mas entre as mulheres lésbicas, essas notícias correm. A gente tem redes de comunicação que colocam a todo instante esse tipo de violência extrema. (Kathleen Neal Cleaver)*

As redes de sociabilidades que são narradas de forma positiva como apoio e resistência são lembradas por meio de vivências espaciais em que elas se colocavam de forma mais visível e relaxada como a casa de amigos e amigas, geralmente lésbicas e gays que já viviam em casa própria, locais de encontro para prática de esportes, bares e casas noturnas, como pode ser visto na figura 3.

Figura 3: Comunidade semântica 2.



**Maria Helena Lenzi, Joseli Maria Silva**



As narrativas sobre os locais de sociabilidades são realizadas de forma sorridente e saudosa dos tempos da juventude, em geral, realizando comparações com o presente. Os locais mais citados por ordem de frequência discursiva foram os seguintes bares e casas noturnas: Roma, Fulanos e Florianos, Maçã Verde, Masmorra, Ópium, Keóps, Vídeo Bar 53, 1 2 Feijão com Arroz e Chandon. Todos localizados na área central da cidade e descritos como locais não explicitamente LGBT, mas que acabavam sendo apropriados por redes de sociabilidades de mulheres lésbicas, dentre outros grupos dissidentes da heterossexualidade. As entrevistadas citam disputas com homens gays e a presença de travestis, alertando que as identidades transexuais não existiam naquele período.

Os locais apropriados pelas redes de mulheres lésbicas instituíam um espaço relacional para viver os desejos dissidentes e reforçar aspectos positivos das identidades lésbicas. As memórias desses espaços estão associadas aos estilos musicais da época, tipos de bebidas e ao uso da maconha, possibilitando um espaço imaginário capaz de acolher tais existências, como também constataram Hardie e Johnston (2015).

Eram nesses espaços relacionais em que se reforçavam os laços de amizade, em que namoros aconteciam e nos quais a sensação de cumplicidade para viver um desejo malvisto aos olhos da sociedade conservadora afluía naquele período. Os encontros lésbicos que instituíam esses espaços se davam por meios de informações que circulavam entre pessoas que partilhavam os mesmos códigos identitários. Blanca ilustra essa dinâmica espacial com o seguinte relato:

*Entre meninas era uma coisa muito velada. [...] Tinha uma casinha do lado da praia, que era um sobrado, só que você descia. [...] Aí você descia e batia na porta. Era lá onde ficava essa pseudo-boate lésbica. Que era um lugar onde tinha um sonzinho de fundo, uma vitrola tocando ou um radiosinho, e as gurias todas sentadas na mesa, tomando cerveja, batendo papo, fumando. Lá eram só mulheres e não tinha nome porque os lugares LGBT até a década de 1990, era uma portinha, como se fosse uma wiskeria hoje, sabe? Tem uma portinha ali e pronto. [...] Só ia quem sabia. [...] aí era aquela coisa, é uma amiga sapa que diz pra outra. [...] Você encontrava as pessoas nos lugares e se reconhecia, porque pra estar naquele lugar [...] você necessariamente era, ou queria ser, estava se descobrindo [referindo-se a ser lésbica]. Porque você não podia chegar naquele lugar se não fosse. (Entrevista com Blanca Canales)*

As narrativas também trazem as dificuldades da época para manter esta teia de informações que permitia a alimentação das redes de sociabilidades e espaços relacionais. Não havia internet e o uso de informações 'boca a boca' era fundamental. Participar dessa espacialidade construída por redes de informações pessoais significava passar a ser reconhecida como mais um membro e 'sair do armário', o que acontecia com certa precaução, como relata Petra Herrera:



*Me convidaram para sair numa sexta à noite. Daí, beleza, vamos. [...] Aí, quando eu entro! Pah! [Expressão de susto] Primeiro que eu já vi várias pessoas que eu conhecia. [...] Tinha um guri que estudava comigo! Mas todo mundo já sabia [referindo-se ao fato de ser lésbica]. Disseram que era só questão de tempo para me ver ali! [Risos] Daí comecei a namorar naquele mesmo dia! [Risos]*

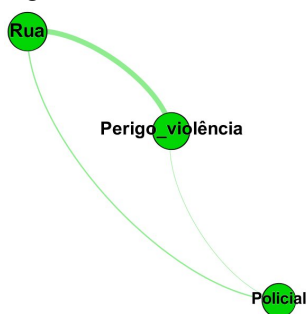
Os espaços relacionais que se faziam dos encontros lésbicos nem sempre eram aprovados pelos proprietários que temiam espantar outros tipos de clientela que julgavam ser melhor do que grupos LGBT, associados naquele período, às imagens negativas de degeneração social. Além disso, como afirma Cowan (2014), a associação da ideia de que a homossexualidade era um dos elementos do comunismo, criava um clima geral de suspeita por parte da sociedade. Os locais de encontros lésbicos eram frequentemente denunciados pela vizinhança por perturbação da ordem e as batidas policiais eram constantes, pois havia um imaginário social de articulação entre 'desvio moral' e 'subversão'.

Outro importante espaço de sociabilidade das mulheres lésbicas da época era constituído da apropriação dos locais de práticas de esportes. Blanca rememora sua busca dizendo:

*Quando eu me reconheci, me descobri lésbica, fiquei imaginando, “onde vou achar lésbicas”, não é? Porque eu quero estar no meio. Não adianta ser [referindo-se a ser lésbica] e estar de longe. Aí eu falei: futebol né! Futebol feminino! Na década de 80 tinha muito festival de futebol, tinha a copa catarinense de futebol de areia e tinha masculino e feminino. [...] Depois eu acabei indo muito pra lá. Mas da primeira vez que eu fui era tipo agosto, era algum feriadão e estava um frio danado e eu puxei um cobertor e me enrolei e aí falei: “galera, vem cá mulherada”, e foi aí que eu comecei a conversar com as gurias, dividindo o cobertor! (Entrevista realizada com Blanca Canale)*

A constituição dos espaços relacionais, fruto dos encontros de mulheres lésbicas, era alternativa de resistência à ordem conservadora que tornava a cidade, em geral, opressora às sexualidades dissidentes. As rondas policiais eram comuns na cidade e as narrativas trazem a articulação das ruas da cidade às categorias do perigo da violência, como pode ser visualizado na figura 4 a seguir.

Figura 4: Comunidade semântica 3.



**Maria Helena Lenzi, Joseli Maria Silva**



O perigo da violência nas ruas é narrado de duas formas. A primeira está relacionada com o corpo feminino e a sua presença em espaços públicos e horários noturnos, considerados inapropriados às mulheres em geral pelas normas de gênero vigentes na época. Para acessar os espaços relacionais de conforto e sociabilidades lésbicas, havia perigos a serem ultrapassados. As entrevistadas relatam o uso de performances mais masculinizadas, sendo o corpo um espaço de resistência ao poder patriarcal (BROWN, 2000). O trecho a seguir é emblemático desse perfil narrativo:

*À noite, uma lésbica ao lado de um menino desses [referindo-se ao que hoje seriam homens trans, mas na época eram lésbicas masculinizadas] é muito menos visada, porque estava junto com um cara. [...] Na época, era isso, tinham pernas peludas, sovaco peludo, tinha uma voz mais grave, porque faziam uma voz mais grave. Mas muitos desses caras eram assim porque havia necessidade de uma proteção na noite. Precisava ter o feminino e o masculino, macho e fêmea. Porque se fossem apenas duas mulheres andando na rua, sozinhas, elas estavam fadadas a serem estupradas e a apanhar e acabou. (Entrevista com Blanca Canales)*

As ruas eram percebidas como perigosas a qualquer manifestação de afeto entre pessoas do mesmo sexo e este tipo de demonstração não era realizada por parte das mulheres lésbicas. Mesmo assim, estar nas ruas, era sinônimo de estar vulnerável às batidas policiais e nos tempos da ditadura, a polícia tinha poderes irrestritos. Morando (2014) alerta sobre a importância do controle espacial da cidade nos tempos da ditadura militar realizado por meio de policiais civis e militares. Nos planos de saneamento do espaço urbano estavam a coibição daqueles que atentavam contra os bons costumes da época por um lado e a fiscalização da juventude, por outro, considerada pelo regime militar, um grupo vulnerável à adesão ao comunismo.

Estar nas ruas em locais de sociabilidades lésbicas se constituía em perigo pela possibilidade de sofrer violência que ia além da opressão de gênero, pois também vinculava-se a sua identificação como jovem e subversiva que atentava contra a moral da família cristã e assim, ao regime instituído. Embora as mulheres lésbicas não expressassem qualquer afeto que denunciasses sua orientação sexual, as ruas eram temidas pelas interseções entre juventude, gênero e posição política de esquerda, como pode ser visto no trecho de narrativa que segue:

*Não havia como mostrar nada. [...] mesmo que fosse um monte de sapatão alienada e de bicha alienado, ia apanhar do mesmo jeito. [...] Como em todo o ambiente você podia fumar, às vezes você dava uma fugida do ambiente, porque ficava um ar muito forte e você saía. Quando nós saíamos, se passava o fusquinha do DOI [Destacamento de Operações e Informação], ele mandava a gente sumir. Porque ele dava a volta na quadra e passava de novo e qualquer pessoa que estivesse ainda ali, ia presa. [...] A vizinhança pedia pra polícia ficar nesses espaços porque eram os espaços de prostituição, de*

*maconheiros, vândalos, bicha e sapatão. A gente estava nesse povo, todos fora da lei. Eram todos que não poderiam existir. (Entrevista com Blanca Canales)*

Os espaços de sociabilidades lésbicas durante o período da ditadura militar foram criados por meio de negociações constantes com outras escalas espaciais e sujeitos de poder. Não deixaram uma marca material na cidade, mas nas memórias daquelas que resistiram às forças de opressão contra as liberdades e à democratização do país.

### **Considerações Finais**

Como argumentam Browne e Ferreira (2015), a análise das narrativas do grupo de mulheres lésbicas investigadas não pode ser generalizada como uma realidade vivenciada por todas as mulheres orientadas para o mesmo sexo daquele período. Esta é uma narrativa parcial da criação de espaços de sociabilidades de mulheres cis, lésbicas, politizadas e de alta escolaridade sob o poder da ditadura militar brasileira.

As geografias lésbicas relatadas por elas fornecem uma importante crítica sobre o patriarcado, o sexismo e a lesbofobia que não apenas se expressavam no espaço promovendo invisibilidades materiais da vida dessas mulheres, mas também trazem questionamentos sobre a forma com que nossas geografias são feitas de modo a manter a invisibilidade das espacialidades lésbicas. Os espaços de sociabilidades das mulheres lésbicas se estabelecem por meio de relações em redes de informações pessoais entre aqueles que compartilhavam os mesmos códigos simbólicos e despercebidas por outros, como argumenta Valentine (1996).

De forma paradoxal, as mulheres lésbicas foram negadas tanto pela direita conservadora como pela esquerda homofóbica e promoveram, por meio de fissuras, suas próprias espacialidades mobilizando a complexidade de diversas facetas identitárias que conjugavam sua condição juvenil, sexual, de gênero e posição política. Por fim, neste artigo, trouxemos registros existenciais de luta das mulheres que foram capazes de mobilizar uma série de recursos para resistir à lógica heteronormativa em pleno estado de exceção para viver seus desejos e constituir novas formas de amor e de espacialidades.

'I Pretend that I do Not Exist and You Pretend that You do Not See Me':

Lesbian Geographies in Military Dictatorship in Florianópolis – SC, Brazil

Revista  
Latino-americana de

**Geografia**  
**e**  
**Gênero**

Volume 9, número 2 (2018)

ISSN: 2177-2886

Article  
english version

## Introduction

This paper aims to understand how spaces of sociability were built by lesbian women during the military dictatorship in Florianópolis – SC. Although over 30 years of the end of the military dictatorship have passed, it lasted from 1964 to 1985, this period could only be better investigated for social and scientific purposes after the creation of the Comissão Nacional da Verdade (CNV)<sup>1</sup> (Truth National Committee) in 2012, whose actions involved disclosing several files of the military repression action that had been kept in secrecy.

Spatial control was an important strategy to exercise the state of exception, becoming an aspect to be investigated by the geographical science. The geographicity of exercising power through the creation of “clandestine centers of violation of human rights” is only one example of the material structure adapted for procedures considered necessary to enact the policy of extermination of those that were against the military regime<sup>2</sup> (CNV, 2014).

Among the groups that were considered a subversive threaten to the authoritarian regime in Brazil were those linked to the dissident sexualities of the heteronormativity, as pointed out by the historians James Green (2014) and Carlos Fico (2014). According to those authors, homosexuality represented an attack to morality and good costumes, religion and the traditional Brazilian family. Therefore, homosexuality was mistakenly associated to moral deviation and supposedly enmeshed to the highly “feared communism” against which the military regime fought<sup>3</sup> (FICO, 2015).

Lesbian women who lived at the time of the military dictatorship experienced their sexualities based on the specific spatialities that are herein explored through the analysis of four in-depth interviews, carried out between 31st May and 18th December 2017. Their narratives, built through their memories, evidenced the strategies and formation of spaces of sociability that enabled the existence of dissident sexualities in Florianópolis – SC, during the military regime. The women interviewed are mainly cis, Caucasian, with a high level of education and most of them have been acting in political or social institutions, since their youth until nowadays, as outlined in the chart below<sup>4</sup>:

---

1 The CNV was created by the law 12528/2011 and enforced on 16th May 2012. It was a temporary agency that investigated violations of Human Rights occurred between 18th September 1946 and 5th October 1988. On 10th December 2014, with the Final Report the work of this committee ended. A copy of the CNV portal is kept by the Centro de Referência Memórias Reveladas (Disclosed Memories Reference Center), of the Arquivo Nacional (National Archive) (see: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>).

2 Procedures that were even forbidden by the laws of exception in force in the country.

Table 1 - Characterization of Interviewed Women

<b>Fictitious name</b>	<b>Sex</b>	<b>Declaration of their current sexual orientation</b>	<b>Age</b>	<b>Color</b>	<b>Current marital status</b>	<b>Education</b>	<b>Political action in youth</b>	<b>Current political action</b>
Celia Sanchez	Cis woman	lesbian	64 years	Caucasian	married	University degree	Union / Political party	Political party
Kathleen Neal Cleaver	Cis woman	lesbian	67 years	Caucasian	single	University degree	Feminist movement / Students' movement / Political party	Feminist movement/ LGBT movement/ Political party
Blanca Canales	Cis woman	lesbian	52 years	Caucasian	separated	University degree	Political party	Feminist movement/ LGBT movement/ Lesbians' movement/ Political party
Petra Herrera	Cis woman	lesbian	53 years	Caucasian	married	University degree	Nothing specific	Nothing specific

Their narratives were analyzed employing the content analysis proposed by Bardin (1978) and Silva and Silva (2016). This methodology of discourse systematization enabled the disclosure of discursive categories and their relations of higher frequency, forming semantic communities, which constitute the meanings of the group's narratives. Three semantic communities were identified that structured the discourse of the interviewed women, as shown by the different shades and sizes of the points that represent the discursive categories and the lines of different thicknesses that form the general semantic network, as follows.

The semantic communities that structure the discursive network are examined in two sections of this paper. In the first section, we explore the relation between space, intersectionalities and scales as a way of understanding lesbian geographies. The second part evidences the identity games that simultaneously create the spatial visibility/invisibility of the lesbian way of existing during the dictatorship.

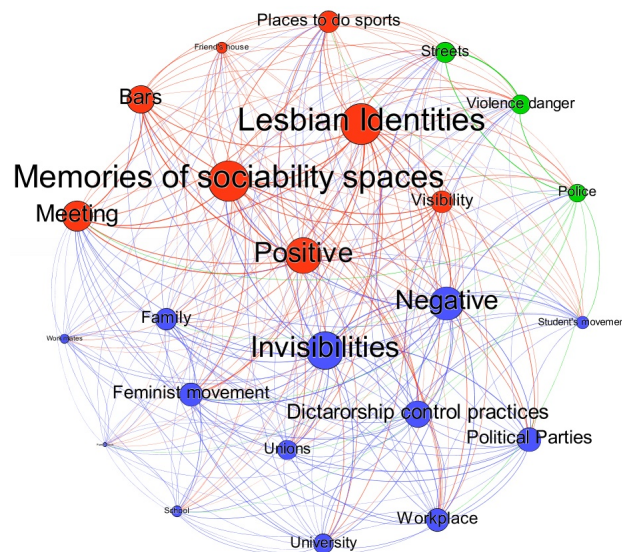
3 Fico (2014) draws attention to how this association is mistaken, since no socialist or communist regime in the world had ever supported homosexuality, in fact, it was always discriminated.

4 All the names are fictitious to preserve the identity of the interviewees. The names chosen belong to women who took part in resistance movements against several types of oppression.

## 'I Pretend that I do Not Exist and You Pretend that You do Not See Me':

### Lesbian Geographies in Military Dictatorship in Florianópolis – SC, Brazil

Figure 1: General semantic network regarding lesbian sociability spaces during the military dictatorship in Florianópolis- SC.



### Space, intersectionalities and lesbian identities in movement

The Brazilian Geography has not shown great interest in understanding the relations between spaces and sexualities, as pointed out by Silva and Vieira (2014). Although this approach is still scarce, the 2000s saw an increase in these discussions, even if the studies developed have been more focused on the spatialities of gay men and travestis, while the spatial reality of lesbian women has been neglected in the Brazilian geography context.

The lack of research on lesbian geographies is a common characteristic in many other epistemological contexts, even in countries where the geography of sexualities is already better developed, such as the Anglophone countries. Browne and Ferreira (2015) observed that the feminist geographies emphasized heterosexual women and the geographies of sexualities were directed mainly by the approach to the male homosexuality. According to those authors, lesbian geographies demand specific approaches that can face at the same time heterosexuality and male domination. Lesbian sexualities are strongly mediated by the asymmetries of gender power, which means that the heteronormativity oppression does not affect gays and lesbians in the same way.

Thinking the geographical space from the perspective of social groups whose sexual identities are targeted by discrimination implies going beyond the idea of a fixed space that is material and can be understood by a synchronic perspective in which parts of it and the whole of it present some coherence. On the contrary, the homosexual existence in a homophobic society implies the recognition of a space that is simultaneously an element of negation and the possibility of existence of sexualities that do not fit heteronormativity. The existence of sexualities that are dissident of the heterosexual norm occurs through fissures and cracks that are built by resistance strategies and actions.

Ferreira (2014) claimed that the spatial experiences of lesbians are not identified in a material and visible way, but in a relational and complex form.

Maria Helena Lenzi, Joseli Maria Silva

Podmore (2001) pointed out that the visibility or invisibility of the lesbian spatiality depends on the conceptual models used in geographic research. For that author, the search for a lesbian spatial existence only by the material mark of landscapes is a trap that contributes to the reproduction of the group's invisibility. The fact that the space does not have an explicit lesbian materiality such as bars, nightclubs, residential and commercial specific areas, as evidenced in the studies on gay space production, does not mean that lesbians do not have a spatial experience, but only that this experience presents other elements to be taken into consideration by the geographical analysis. She claimed that:

Having little impact on the material landscape of the city public space, 'others' are rarely able to detect a lesbian 'presence'. All of these observations indicate that, in order to examine further the urban spaces that are important in the daily life of lesbians', we need another 'way of looking' (PODMORE, 2001, p. 334)

Therefore, the conceptions of space are intertwined with the lesbian visibility or invisibility. There is no way to separate the space of identity constitutions, there is an interdependence between them. Massey (2008) explained this space in a relational way, overcoming the idea of space while a finished product, a reflex of certain pattern of social relations, and presenting a space that is in itself a relation, in permanent construction, mediated by politics. Space and sexual identities are constantly negotiating, in a continuous process of tension and although the space is hegemonically heteronormative and constitutes unequal mechanisms of power and oppression, there is also the constitution of spatialities that are not normative and create tension with the ruling power. In the relational space perspective, space is something never finished, but something that is constantly built in the relations that are established, involving constant negotiations.

Valentine (1993) pointed out that the heteronormative public spaces constitute spread and imprecise ways of discrimination to sexual orientation, exercising strong social pressure that confine lesbian and gay sexualities in private spaces. However, even under strong pressure to constitute an alleged inexistence of homosexuality, the heteronormative space is contested by the existence of dissidents of the hegemonic norm, who are those people that are not passive to the ruling power.

The public space is created from the systematic production of heteronormative power and the lesbian women are under permanent surveillance of their body and affective expressions that might allow the recognition of their sexual orientation, as warned by Ferreira (2014). Such behavior of surveillance and regulation reinforces the heteronormative power over the space, and at the same time evidences that the space is experienced in different ways by the different sexual identities. That author also argued that demonstrations of affection by same sex couples in public spaces are mediated by their private decisions guided by the perceptions of spatial hostility or acceptance of homosexual sexualities. Even regarding spaces that are friendly to demonstrations of affection between same sex people, Ferreira (2014) stated

that gay men are more comfortable than lesbian or bisexual women.

Therefore, even if the spaces are friendly to the homosexuals, there are specific issues related to women's sexualities that have to be analyzed by the geographies of sexualities, according to Browne (2007). Power relations, according to that author, cannot only analyze the simple opposition between hetero and homosexuality, but rather involve the forces marked by gender and patriarchy that implicate differentiated spatial patterns of access, mobility and visibility of sexual identities between men and women (cis and trans).

Despite recent achievements regarding civil rights by the LGBTTQI groups in many countries, notably in the north hemisphere, lesbian desires and subjectivities remain marginalized. Hardie and Johnston (2015) analyzed the way lesbians create their own space through the experience of several emotions that are shared by the group, revealing music as an important element for the production of what the authors call "imagined spaces". For those authors, the spaces created by lesbians through sharing the emotion of music are fundamental for the process of identification of their sexual orientation and the development of affection and feelings of belonging, since many lesbians do not feel as belonging to many physical spaces such as their family home, the neighbourhood, their workplace and so on.

Spaces created by dissident groups of heteronormativity are established from the body performance, language, looks, and specific clothing that are recognized by their peers, confirming specific processes of socialization that create tension to the heterosexual order via subversion, as pointed out by Valentine (1996). However, according to that author, the production of this relational geographic space is not noticed by heterosexual people, since the differences of minority groups existence tend to be ignored or misunderstood by those that are in a socially privileged position.

Complex relationships between lesbian women, other identity facets and the space have been investigated by Rodó-de-Zárate (2015, 2016) who evidenced the flow of spatial experiences of young lesbian women and the city, including intersectionality in her analysis. Intersectionality is a concept that includes crossing multiple axes of oppression (COLLINS, 2000; MCCALL, 2005). Rodó-de-Zárate (2015, 2016) studies lesbian sexuality in relation to gender, race, age and social class to evidence that different identity crossings constitute specific spatial relations.

The fact that a woman is lesbian being intercepted by several other axes of power such as race, class, age, gender and so on, makes it impossible to imagine that there is an essential or universal lesbian identity, since one should consider the mediation of time and space in one's identity constitution.

Browne and Ferreira (2015) put forward an interesting reflection upon what it is like to be a lesbian woman and refused any possibility of the existence of one identity that is able to shelter all the experiences of people that might self-identify as lesbians, since the power relations that mark human existence are in constant tension. They claim that, as well as Butler (1990), they understand that an essence of being woman does not exist and that gender is performative rather than something given, being lesbian also implies thinking outside an essential and given perspective. Following this trend, Browne and Ferreira (2015) state that the label 'lesbian' must be understood as fluid, built in a



spatial and timely manner and that there is no possibility of gathering all lesbian experiences in a single homogeneous and coherent community. However, even without the possibility of the existence of a unique and universal lesbian category, Browne and Ferreira (2015) consider that this is one important political category, constantly rebuilt in the interactions between space and identities. Thus, constituting oneself as lesbian is a subjectivation process that is developed in a constant and relational way, in intense processes of spatial negotiations.

The subjectivity negotiation processes are carried out concretely in several spatial scales such as the home, the neighbourhood, the city, the body and so on. Lesbian women bodies are spaces of fulfilment of desires, emotions and also express signals that enable the recognition and identification between people who share similar subjectivation processes.

Johnston and Longhurst (2010) explain that the body is an important space of lesbian identity constitution, mediated by political relations over it at different scales. Johnston and Valentine (1995) report lesbian body constraints in parents' home before the women 'came out', evidencing that parents' homes, as heteronormative spaces, prevent lesbian bodies from expressing specific ways of dressing, speaking or performing gestures and expressions of affection and desire. Thus, the body can be considered as a geographical space, a specific scale of negotiation with the other spatial scales, in a constant movement of institution of affirmation of lesbian sexualities and also repression and constraint, as also pointed out by Brown (2000).

In this paper, we understand that there are specific ways of instituting the relationship between lesbian identities and space at the time of the military dictatorship in Florianópolis. It is a city that despite being the capital of an important State in the south of Brazil, up to the 1990s was still a relatively unknown medium-sized city in the national scenery, with around 250 thousand inhabitants. In the early 2000s, it was still building its image through both tourism advertisement and internally as "a capital with the atmosphere of a small town", as analyzed elsewhere (LENZI, 2010), based on the maintenance of a peaceful lifestyle, just like a "countryside" town, at the same time as it aimed at attracting new and modern investments.

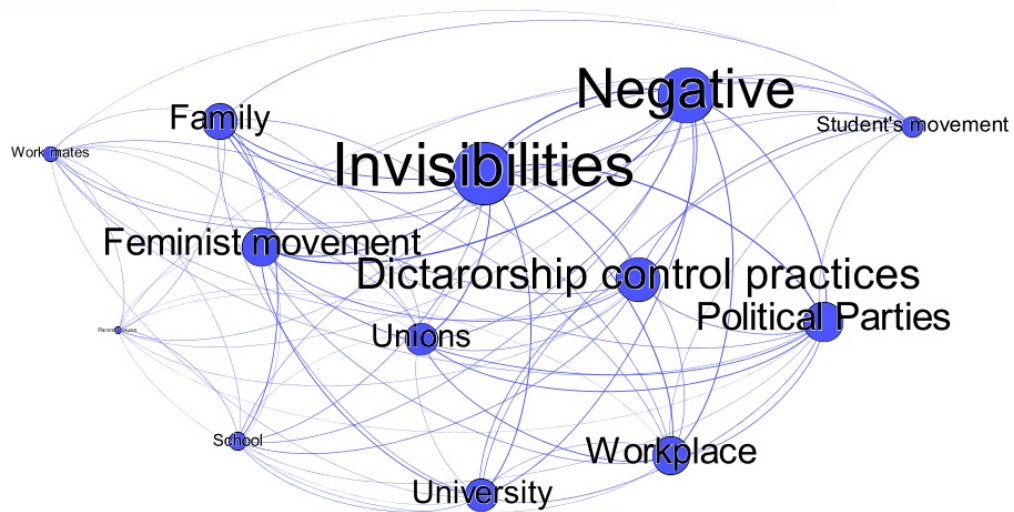
### **The relational space and the simultaneity of lesbian visibility/invisibility**

The space of lesbian narratives in the military dictatorship is complex and requires a geographical imagination that relates at the same time the visibility and invisibility as constituent one of the other, in an incoherent way, as pointed out by Massey (2008). The narrative structure evidences the interdependence between the discursive categories, as shown in the general semantic network in Figure 1.

Despite being connected, the semantic communities that constitute the general network present variations of relations between the discursive categories. The largest one, the semantic community 1, is organized around the invisibilities, an intense discursive trend in the lesbian spatial narratives, as shown in Figure 2.

**'I Pretend that I do Not Exist and You Pretend that You do Not See Me':  
Lesbian Geographies in Military Dictatorship in Florianópolis – SC, Brazil**

Figure 2: Semantic community 1.



The semantic community, which is structured by the centrality of the categories “invisibilities”, “negative”, and “dictatorship control practices” shows the articulation of spatialities that are represented in the discourse of the interviewed women in two senses. One of them, the spaces of family, school, work and workmates<sup>5</sup> are discursively represented coherently with the heteronormative hegemony and appear as linear oppressors in the lesbian narrative regarding sexualities, reporting efforts to keep their sexuality unnoticed and the control of desires and gestures, as also reported by Johnston and Valentine (1995).

Family spaces are narrated following a chronology. In their youth, they report affective-sexual experiences with young men, and as a result of this, some of them even became mothers. The interviews show that several young men that were their boyfriends at that time, later on identified themselves as gays. Their narratives are marked by several conflicts related to certain ways of behaving and dressing, as well as the repression of certain friendships with other lesbian girls whose parents considered “bad company”. In their adulthood, the parents’ home remains as a restrictive spatiality for dissident sexualities, even if with less conflict, since they are not economically dependent on their parents anymore, as also evidenced by Rodó-de-Zárate (2015 and 2016). However, their reports show that a silent pact remains regarding lesbian sexualities in the family environment, even if it is not a space of explicit conflicts. Kathleen’s testimony is expressive of the trend found in this trajectory.

*The first time I was insulted for being lesbian I was 8 years old and I did not even know what that meant. A neighbour called me machorra (something like ‘macho girl’). At the time, that was what people said. I was with some boys stealing some fruit, I was on the wall. She called me that name, while she called the boys little thieves. I arrived home*

<sup>5</sup> The category “work mates” was created because many times people who work together hang out outside the work environment such as in restaurants and cafes.

*and asked my mother what that meant, because I didn't know that word. My mother didn't explain, just told me to shut up: "Girl, you don't say that! It's a word you should never say! She let it go and did not explain what it meant. When I was a teenager, I had lesbian friends and some people in the town knew it. They were boyish girls, they played in the Santa Catarina State volleyball team. My mum didn't want me to hang out with them. I asked: "But mum, why? That girl is your friend's daughter. She would say: 'no, people say bad things about her'. But she wouldn't tell me 'why' these bad things were said. [...] And even after I became an adult. My mother didn't want to see it, she didn't want to talk about it. I even tried to have a conversation with her, but she would avoid it: "ah, this girl, look at the silly things this girl says". She never took me seriously. I never managed to have his conversation in depth with my mother. I lost my father very early. I don't think I would be prepared to have this conversation with him, because I was too young. But with my mother, I was almost 30 when she died, I was an adult already. But she would not have this conversation, I was not allowed to have this conversation. (Interview with Kathleen Neal Cleaver)*

The spaces school, university<sup>6</sup> and workplaces also present a linear narrative of oppression and strategies to keep the secret of the sexualities. While they conquered the respect of people for their intellectual or professional abilities, they felt more comfortable in these places, although they were still forbidden spaces in relation to their sexual identity or affection demonstrations, which was also pointed out by Valentine (1993) and Ferreira (2014).

The reports reveal loneliness, lack of any kind of information about lesbian sexualities and the use of invisibility practices to avoid being seen negatively or having their desires associated to negative images. Célia Sanchez reports that the social image created around the "entendidas"<sup>7</sup> was considered infamous, associated to the idea of sexual and moral deviation, illness and social failure:

*They were usually very vulnerable people, semi-illiterate, badly reputed [referring to the stereotype of lesbian women at that time]. The words heard were macho-women, it wasn't even 'sapatão'<sup>8</sup>. Different myths related to them. [...] Once, there was a pornochanchada<sup>9</sup> called "Soninha toda pura". I didn't watch it, but my sisters told me that there was a character that was lesbian and*

---

6 It seems relevant to explain that in the discursive category "university", the practices of professors, colleagues and content of the subjects were considered. Students' politics was included in another category, because it was part of a political dimension that were not lived everyday by the group of interviewed women.

7 A slang used by that generation to refer to lesbian women.

8 A slang used to refer to lesbian women, something like 'dick'.

*managed to convince Soninha, who was a pure girl, to get sexually involved with her. [...] It was associated to some illness. Not because I felt ill, but I didn't want to get concerned with some illness because I thought "I'm not going to make things worse for myself". (Interview with Célia Sanchez)*

Living as a lesbian during the dictatorship was not only represented by negative and intolerable meanings at the time, it was also part of the "unspeakable", constituting secrets that hampered significantly the empowerment of these women in the achievement of sexual rights. The horror of seeing themselves associated to representations of evil or the enemy to be fought by the military dictatorship increased the power that instituted the internalization of negation of their existence and desires (FOUCAULT, 2003).

Scarce means of communication, associated to the censorship of news and all kinds of arts production (cinema, TV, books) contributed to an increase in these women's vulnerability and the internalization of stigmas and the naturalization of the symbolic violence they suffered. The access to information about lesbianism was rare, according to the report that evidences the discursive trend verified in the semantic analysis:

*I, for instance, used to read Cassandra Rios<sup>6</sup> because it was the only thing available in my adolescence. There wasn't practically any other literature available. She was highly censored, but that was for the pornographic tone of her work. She was considered a porn author. Her books were not any kind of reference to anybody. Either women became crazy or were murdered, or they killed themselves [referring to the lesbian characters portrayed in those books]. It was disgraceful. Who would use that as reference for oneself? We used to think that being a lesbian was that. So, I didn't want to be a lesbian. Of course, because there was only disgrace in that kind of life. [...] Another problem would be if my mother saw me with one of those books in my hands! Nowadays, in addition to positive references, there are philosophers debating the theme in depth and with several elements. Young girls, nowadays, have a lot of nice women as role models. But we didn't have this at that time. Then, I think it was bad for everybody. Of course, that the fact that we were in a dictatorship period, without democratic freedom, would end up making things more difficulty regarding personal freedom also. (Interview with Kathleen Neal Cleaver)*

The constitution of a negative social representation increased the production of invisibility strategies and, at the same time, the search for spaces that could make sense for their identity construction. The unions, left wing parties, students' movement and the feminist movement were spatialities experienced in a paradoxical way by the women interviewed (VALENTINE, 1996). If, on

---

<sup>9</sup> name given to a genre of sexploitation films produced in Brazil that was popular during the 1970s and early 1980s.

the one hand, they appear in the narrative structure as spaces of negation of sexual identities dissident of the heteronormativity, they also constitute meeting spaces for the lesbian women, as the report below shows:

*It is incredible, but in a strike meeting, at the union, there was a lot of this knowledge, this identification, this search and complicity. It is impressive. Then, most of the figures [referring to the lesbian women who took part] I could identify inside the union [...]. I even think that the political activism shook it, in a nice way, it was something that created movement. For some reason, it created an identity. Maybe, the political activism, at the union, allows you to counterpoint the society. Everything you cannot talk about, your sexuality, affective relation, the things you cannot assume publicly in the society, because you're going to be alone. Also, the union enabled you to make serious criticism and remarks to the society and nobody could say anything. It was you poking at the society, the union allowed you to do that. The union doesn't discuss these things [referring to sexualities], they don't want to know, but it is a space that is well occupied by these people [referring to lesbians]. (Interview with Celia Sanchez)*

The unions, as well as the left wing parties, the students' movement and the feminist movements were important sources of contestation to the authoritarian regime of those times that favored the dissident sexual identities even if it was unintentional or in a non-explicit way, since they never took up a fight for the sexual rights of citizens. There was a feeling of identification that intersected the left wing parties with dissident sexualities, at the same time that the State created the 'common enemy' to be fought against, the 'subversive', and homosexual people were identified as subversive to the maintenance of the moral and good costumes of that time (COLLINS, 2000; MCCALL, 2005; RODÓ-de-ZÁRATE, 2015 and 2016).

Even if at the level of the society there was the intersectional identification between homosexuality and communism, at the scale of spatialities considered subversive, this identification was not seen, according to the reports of the interviewed women. On the contrary, these spaces are paradoxical in their narratives and while they constitute spaces of meeting and recognition between them, at the same time, lesbian women experienced the negation of their homosexual identities, as shown in the narrative below:

*We would not be showing ourselves on the streets in that time, nor before, neither afterwards. It took a long time until this thing called freedom of expression of the sexual orientation could happen. I, for example, who was built inside the feminist movement, I was only active within the lesbian movement after having taken part in the feminist movement. I had this difficulty to express myself through my sexual orientation even within the feminist movement. It was very closed at the beginning. I remember the events in the mid-80s, that were not accepted in the feminist meetings and events. There was no space for the expression of lesbianism. [...] This was the bourgeois*

*fight [referring to sexual rights in the perspective of the left-wing parties' perspective]. It was not within the context of the leftist fight, which was needed for the class struggle. [...] I think that the heaviest thing at the time of the military dictatorship, or the time when things started to become more open, or even when the democratic opening process had already started, was the issue of considering the fight for free sexual orientation, a smaller fight. Then, people that were leftists did not open themselves about that, because that could destroy their space in the left-wing movement. [...] This discussion didn't exist [referring to the fight for sexual rights] and if it was approached, you were left aside. Not that you would be formally expelled, but you would surely lose expression. I know people who ended up leaving parties, people who were organic activists. They might not have left the parties, but they left their organic activism in the party, since they didn't feel included, on the contrary, they felt neglected in the process. This really occurred and I know people, I'm not going to say names, but I know people who left the activism in left-wing parties at that time, because they were gays. Lesbian women would not even think of revealing themselves. (Interview with Kathleen Neal Cleaver)*

The social stigma created in the dictatorship period dehumanized those considered “subversive” and naturalized a brutal violence, legitimizing their elimination, similarly to the power dynamics evidenced by Arendt (1989). The criminalization of those who fought the military regime justified arbitrary imprisonment, torture and the death of “social enemies”. The “dictatorship control practices” as an important category in the semantic community shown in Figure 2 joins the discursive trend that the political identity was the target of the State repression apparatus during the military dictatorship and that sexualities were not aimed at explicitly. But, again and again, the narratives state that dissident sexualities from heteronormativity were repressed through diffuse actions at all scales and levels of the society at that time, thus legitimating the dominant discourse, associated to the need to repress sexualities and submit them to the moral control of that time:

*I even think that the male aspect or the invisibility of the homosexual women was not only a consequence of the dictatorship, at the time I was young. It was the culture, the family, the neighbourhood, the school. There was such a conservatism and provincialism that the dictatorship did not need to do anything. That was pacified at that time. The society around us kept saying: “don't do this, don't do that, this is not a girl's thing”. So, the dictatorship was not necessary for that, it was another reason [referring to the ideologies that were against the military regime]. [...] Now, the dictatorship might have contributed to that, since it delayed many discussions. Even in academic settings, there were no books or texts. (Interview with Celia Sanchez)*

However, the intersectionality between being a leftist activist and lesbian

would comprise specific components in the police violence rituals of repression on behalf of the State (GREEN and QUINALHA, 2014). Also, it was totally impossible to denounce discriminating practices adopted during the dictatorship, according to the testimony below:

*Being approached by the police in the 80s meant to be put against the wall. That meant to be palpated, legs opened, having the hand sniffed, the whole stuff. And when you were close to nightclubs, it was even worse. It was like this: “ah, sapatão, this one can be palpated, it is a male”. Do you see? And regarding boys [referring to cis gays] it was even worse, because they would even stick their fingers in one’s asshole, because if they wanted to be women, they would be treated accordingly. There was no middle ground. If you were a sapatão, they would touch your pussy and that’s all. If you were a male gay, it would be the same shit. [...] The repression, before, was worse. But at that time, there was no way you could prove that you had suffered any violation in the middle of a demonstration. There was no internet. [...] But, what occurred was even worse, people disappeared. And something else, at that time, the only weapon the journalists had was their camera and the first thing that the repression would do was to grab your camera and pull the film out and that was over. There was no way of proving anything. Nowadays is different, they can grab your camera, throw your cell phone on the ground and step on it, if you get the chip, the proof is there. (Interview with Blanca Canales)*

Even if dissident sexualities have been recognized by the military dictatorship as something identified with the left-wing movements, as pointed out by Green and Quinalha (2014), the feminist, unionist or political parties’ activism did not present any initiative to raise sexual rights agendas in their fights. This situation contributed to a great silencing and the depth of invisibility strategies that were used by the lesbian women at that time. The unions, political parties and feminist and students’ movements of the time were meeting venues for the lesbian women that would recognize each other through discrete gestures of body communication, as verified in the works put forward by Valentine (1993) and Ferreira (2014). However, they were never used explicitly to claim their place in the leftist fights that, many times appear as discriminatory in the discourse of the lesbian women of that period.

There was a social structure that was totally repressive of the dissident sexualities and permeated all levels of the society, creating the need to eradicate the evil, supporting the State in its action based on the worst atrocities and that, according to Green and Quinalha (2014), hampered the political organization of contestation of the homophobic attitudes and the explicit fight for the rights to sexual freedom.

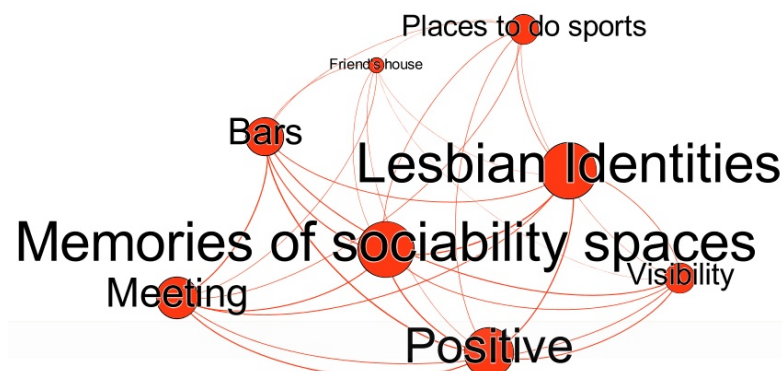
Lesbian identities during the military dictatorship were built surrounded by representations of evil and subversion and, consequently, fear of being spotted and socially revealed. Therefore, hiding one’s lesbian sexual identity was an important way of preventing even worse violent acts, since negation and silence already represented some violence against them.

The narratives of how oppression was faced and psychological comfort and the feelings of support and protection obtained show the importance of the constitution of sociability networks between lesbian women, as also reported by Hardie and Johnston (2015). The relationships established enabled the deconstruction of the negativity ascribed to the lesbian identity that was internalized during their existence and helped to find positive models and references. Sociability networks created complicity and, somehow, protection against the social and psychological violence that many times was unbearable, as shown in the testimony below:

*But, if you stop to think, for example, about a woman that was very important for the lesbian movement at that time, Rosely Roth, she was a girl from São Paulo, one of the first women to appear on TV and say: "I'm lesbian". And she created movements in São Paulo. She couldn't stand the pressure and killed herself. She couldn't even enjoy the place she was building for herself and for all of us. Because it was too hard, heavy. [...]. And even now, it is very difficult, you hear about lesbian corrective rape, which is authorized by family members. We hear about that, frequently, it is not a rare occurrence. And I'm talking about limit situations, everyday violence, this lesbian phobia at its highest degree, which results in femicide or in corrective rape. These things occur much more often than we know. We know about abuse, everyday violence, but this extreme violence in limit situations are not usually disclosed to the whole audience. But among lesbian women the news is spread. We have communication networks that all the time disclose this type of extreme violence. (interview with Kathleen Neal Cleaver)*

Sociability networks that are described in a positive way as a source of support and resistance are remembered through the spatial experiences where they place themselves in a more visible and relaxed way, such as friends' homes. These friends were usually lesbians or gays that already had their own homes. They also met in some places to do sports, in bars and nightclubs, as shown Figure 3.

Figure 3: Semantic community 2.





They smile and show some nostalgia of their youth in their narratives regarding sociability places, in general, making comparisons with the present situation. The most cited places in discursive frequency order were the following bars and nightclubs: Roma, Fulanos e Florianos, Maçã Verde, Masmorra, Ópium, Keóps, Vídeo Bar 53, 1 2 Feijão com Arroz e Chandon. All located in the city center and described as places that were not explicitly LGBT, but that were occupied by lesbian women sociability networks, among other dissident groups of heterosexuality. The interviews mention disputes with gay men and the presence of travestis, pointing out that transsexual identities did not exist at that time.

Places that were occupied by lesbian women networks became a relational space to live their dissident desires and to reinforce positive aspects of their lesbian identities. The memories of these spaces are associated to the musical style of that period, certain types of drinks and the use of marijuana, enabling an imaginary space able to welcome such existences, as also found out by Hardie and Johnston (2015).

In these relational spaces, friendship bonds were reinforced, dating was started, and there was the sensation of complicity of living a desire that was negatively viewed by the conservative society in that period. The lesbian meetings that occurred in these spaces were made possible due to the information that circulated between the people who shared the same identity codes. Blanca illustrates this spatial dynamics with the following narrative:

*Among the girls, it was a very secretive thing. [...] There was a little house near the beach, it was like a semi-detached house, then you would go down. [...] You would go down and knock at the door. It was a pseudo-lesbian nightclub. It was a place where there was some background music, either a record player or a radio and the girls where there all sitting around tables, having some beer, chatting, smoking. It was only for women and it had no name, because the LGBT places up to the 1990s were only a little door, like a go go bar, you know? There was a little door there, and there it is [...] only people who knew it would go there. [...] then it was like this, one friend would tell the other. [...] You met this people there and you would recognize one another, because if you were in that place [...] you had to be, or wanted to be, you were finding out about yourself [referring to being a lesbian]. Because you wouldn't get to that place if you were not one of us. (Interview with Blanca Canales)*

The narratives also reveal the difficulties of the time to keep this network of information that would feed the sociability networks and relational spaces. There was no internet connection and the use of “word of mouth” was fundamental. Taking part in this spatiality built by personal information networks meant to be recognized as a member and ‘come out’, which was done with certain precaution, as told by Petra Herrera:

*I was invited to go out one Friday night. Then, Ok, let's go. [...] Then, when I came inside! Pah! [Expression of surprise] First, I saw many*

*people that I already knew. [...] There was a boy that studied in the same university I did! But everybody knew it [referring to the fact of being a lesbian]. They said it was just a matter of time to see me there! [Laugh] Then I started to date on that same night! [Laugh]*

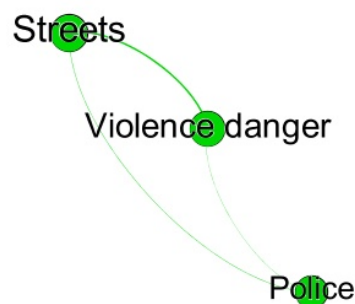
The relational spaces where lesbians used to meet were not always approved by the owners that were afraid of losing other customers that thought themselves better than the LGBT groups, which at the time were associated to negative images of social degeneration. In addition, as stated by Cowan (2014), the association of the idea that homosexuality was an element of communism, created a general atmosphere of suspicion from the society. The places where lesbians used to meet were frequently denounced by the neighbourhood due to public disturbance and police raids were constant, since there was a social imaginary articulating them to “moral deviation” and “subversion”.

Another important sociability space for the lesbian women of that time was constituted of the occupancy of places to do sports. Blanca remembers her search and reports:

*When I recognized myself, and found out I was lesbian, I kept thinking: “where will I find other lesbians?”, you see. Because I wanted to be with them. It isn't worth being one [referring to being lesbian] and being away. Then, I thought: futebol, isn't it? Female football! In the 80s there were a lot of football tournaments, there was the sand football cup of Santa Catarina, and there were male and female teams. [...] After that, I went there a lot. But the first time I went, it was like August, it was a holiday and it was very cold, I got a blanket and covered myself and thought: “girls, come here”, and then I started to talk to the girls sharing the blanket! (interview with Blanca Canale)*

The constitution of relational spaces as a result of the lesbian women meetings was an alternative of resistance to the conservative order that made the city as a whole oppressing to the dissident sexualities. Police raids were common in the city and the narratives reveal the articulation between the city streets and the categories of violence danger, as illustrated in Figure 4 below.

Figure 4: Semantic community 3



The danger of violence in the streets is narrated in two ways. The first is related to the female body and its presence in public spaces and the second refers to the night time, which was considered improper for women in general to be out due to the current gender norms at the time. To have access to the relational spaces of comfort and lesbian sociability, there were dangers to be overcome. The interviews report the use of male performances, with the body becoming a space of resistance to the patriarchal power (BROWN, 2000). The testimony below is a good example of this narrative profile:

*At night, a lesbian next to one of those boys [referring to what nowadays would be a trans man, but that at the time was a masculine lesbian] would not be easily spotted, because she would be with a guy. [...] At the time, it was like this, there were hairy armpits and legs, a coarser voice, because one would fake a coarser voice. But, many of these people were like that because it was necessary to protect yourself at night. There should be the female and the male. Because if there were only two women walking on the street, by themselves, they might be raped or beaten, and that was all (interview with Blanca Canales)*

Streets were seen as dangerous to any affection between same sex people, and this kind of demonstration was not done by most of the lesbian women. Even so, being on the streets was a synonym to be vulnerable to police raids and, at the dictatorship time, the police had unrestricted power. Morando (2014) draws attention to the importance of the city spatial control at the time of the military dictatorship through the civil and military police. The plans of reorganizing the urban space included the restraint of those that were not in accordance with the good costumes of the time on the one hand and the inspection of the youth, on the other hand, because they were considered by the military regime a group that was vulnerable to communist ideas.

Being on the streets in places of lesbian sociability was dangerous for the possibility of suffering violence that was beyond gender oppression, since it was also associated to their identification as young and subversive that would go against the Christian family moral and therefore the regime in force. Although lesbian women did not express any affection that would reveal their sexual orientation, the streets were feared due to the intersections between youth, gender and left-wing political position, as seen in the narrative below:

*There was no way of showing anything [...] even if it were a bunch of alienated sapatão and faggots, everybody would be beaten anyway. [...] As everywhere else you could smoke, you would sometimes scape from that place, because the air would be too heavy, then you would scape. When we were out, there was a fusca (Volkswagen car) that belonged to DOI (Information and Operations Department), they would tell us to disappear. Then they would drive around the block and come again, and any person that was still there would go to jail. [...] The neighborhood used to ask the police to stay in these spaces because those were prostitution spaces, where people would go to*

*smoke or trade marijuana, there were vandals, faggots and those called sapatão. We were included in this group, all outlaws. All people that should not exist. (Interview with Blanca Canales)*

The lesbian sociability spaces during the military dictatorship period were created through constant negotiations with other spatial scales and power agents. They did not leave a material mark in the city, but they did in the memory of those that resisted to the oppression forces that were against the freedom and democratization of the country.

### Final Considerations

As put forward by Browne and Ferreira (2015), the analysis of narratives of the lesbian women investigated cannot be generalized as the reality experienced by all same-sex-oriented women of that period. This is a partial narrative of the creation of sociability spaces of cis, lesbian women that were politicized and well educated under the power of the Brazilian military dictatorship.

The lesbian geographies reported by them offer an important criticism of patriarchy, sexism, and lesbian phobia that were not only expressed in space, promoting the material invisibility of these women's lives, but also raised questioning about the way our geographies are made to keep the invisibility of lesbian spatialities. The sociability spaces of lesbian women were established through relationships in personal information networks between those that shared the same symbolic codes and were unnoticed by others, as pointed out by Valentine (1996).

Paradoxically, lesbian women were denied both by the conservative right-wing and the homophobic left-wing parties, therefore, they had to promote through the cracks they found, their own spatialities mobilizing the complexity of several identity aspects that interconnected their youth, sexuality, gender and political position. Finally, this paper presents some existential register of fight of women that were capable of gathering a series of resources to resist to the heteronormative logic in the state of exception to live their desires and constitute new forms of love and spatialities.

### Referências / References

ARENDDT, H. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Ed. 70, 2002.

BRASIL, COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Relatório/Comissão Nacional da Verdade**. v. 1, 2 e 3. Brasília: CVN, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2BLLEhh>> Acesso em: 10/06/2018.

BROWN, M. **Closet space**: Geographies of metaphor from the body to the

globe. London: Routledge, 2000.

BROWNE, K. Lesbian geographies. **Social & Cultural Geography**, v. 8, n. 1, p. 1–7, 2007.

BROWNE, K.; FERREIRA, E. **Lesbian Geographies**. Gender, place and power. Burlington: Ashgate, 2015.

BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. London: Routledge, 1990.

COLLINS, P. H. **Black Feminist Thought: Knowledge, Power and the Politics of Empowerment**. Boston: Unwin Hyman, 2000.

COWAN, B. Homossexualidade, ideologia e 'subversão' no regime militar. In: GREEN, J.; QUINALHA, R. (org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. 1ed. São Carlos: UFSCAR, 2014. p. 27-52.

FERNANDES, M. Lésbicas e a ditadura militar: uma luta contra a opressão e por liberdade. In: GREEN, J.; QUINALHA, R. (org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. 1ed. São Carlos: UFSCAR, 2014. p. 125-148.

FERREIRA, E. **Reconceptualising public spaces of (in)equality: Sensing and Creating Layers of Visibility**. 2014. Tese (Doutoramento em Ciências Sociais e Humanas), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.

FICO, C. Prefácio. In: GREEN, J.; QUINALHA, R. (org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. 1ed. São Carlos: UFSCAR, 2014, p. 13-16.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: \_\_\_\_\_. **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222.

GREEN, J. O Grupo Somos, a esquerda e a resistência à ditadura militar. In: GREEN, J.; QUINALHA, R. (org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. 1 ed. São Carlos: UFSCAR, 2014. p. 177-200.

GREEN, J.; QUINALHA, R. Contribuição sobre o tema ditadura e homossexualidades para o relatório final da Comissão Nacional da Verdade e parceiras. In: GREEN, J.; QUINALHA, R. (org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. 1ed. São Carlos: UFSCAR, 2014. p. 301-320.

HARDIE, L.; JOHNSTON, L. It's a way for me to feel safe in places that might not really be gay-friendly: Music as safe lesbian space. In: BROWNE, K.; FERREIRA, E. (org.). **Lesbian Geographies**. Gender, place and power. Burlington: Ashgate, 2015. p. 113-132.

JOHNSTON, L.; LONGHURST, R. **Space, place and sex**. Geographies of Sexualities. Plymouth-UK: Rowman & Littlefield Publishers, 2010.

JOHNSTON, L.; VALENTINE, G. Whenever I Lay My Girlfriend That's My Home: The Performance and Surveillance of Lesbian Identities in Domestic Environments. In: BELL, D.; VALENTINE G. (org.). **Mapping desire**: Geographies of sexualities. London: Routledge, 1995. p. 99-113.

LENZI, M. H. **Das imagens à ausências**: um estudo geográfico sobre a ilusão do tempo nas imagens de Florianópolis. 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MASSEY, D. **Pelo Espaço**: Uma Nova Política da Espacialidade. trad. Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MCCALL, L. The Complexity of Intersectionality". **Journal of Women in Culture and Society**, v. 30, p. 1–30. 2005.

MORANDO, L. Por baixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969). In: GREEN, J.; QUINALHA, R. (org.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. 1ed. São Carlos: EdUFSCAR, 2014. p. 53-81.

PODMORE, J. Lesbians in the Crowd. **Gender, Place and Culture**, v. 8, n. 4, p. 333-355, 2001.

RODÓ-DE-ZÁRATE, M. Young lesbians negotiating public space in Manresa: an intersectional approach through places. **Children's Geographies**. v. 13, n. 4, p. 413-434, 2015.

\_\_\_\_\_. Quién tiene Derecho a la Ciudad? Jóvenes Lesbianas en Brasil y Cataluña desde las Geografías Emocionales e Interseccionales. **Revista Latino-americana de Geografía e Género**, v. 7, n. 1, p. 3-20, 2016.

SILVA, E. A.; SILVA, J. M. Ofício, Engenho e Arte: Inspiração e Técnica na Análise de Dados Qualitativos. **Revista Latino-americana de Geografia e Género**. v. 7, n. 1, p. 132 – 154. jan./jul. 2016.

SILVA, J. M.; VIEIRA, P. J. Geographies of Sexualities in Brazil: Between National Invisibility and Subordinate Inclusion in Postcolonial Networks of Knowledge Production. **Geography Compass**. v. 8, n. 10, p. 767–777, 2014. doi: 10.1111/gec3.12165.



**'I Pretend that I do Not Exist and You Pretend that You do Not See Me':  
Lesbian Geographies in Military Dictatorship in Florianópolis – SC, Brazil**

VALENTINE, G. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday spaces. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 11, p. 395-413, 1993.

\_\_\_\_\_. Renegotiating the 'heterosexual street': lesbian productions of space. In: DUNCAN, N. (org.). **Body Space**: destabilizing geographies of gender and sexuality. London: Routledge, 1996. p. 147-155.

**Recebido em 05 de junho de 2018.  
Aceito em 09 de Setembro de 2018.**

**Received in June 5, 2018.  
Accept in September 09, 2018.**

**Maria Helena Lenzi, Joseli Maria Silva**

152